

A ex-bailarina que se engajou de tênis na campanha tucana

‘As pessoas às vezes nem descobrem que sou mulher do Serra’, diz Monica, que está casada com o candidato tucano há 33 anos

Ex-primeira bailarina do Balé Nacional do Chile, Monica Allende é há 33 anos Monica Serra. A bailarina conheceu o exilado José Serra em seu país, numa festa à qual compareceu por pressão de um amigo, um militante estudantil chileno. “Quando vi Serra, meu coração disparou. Fiquei babando”, diz ela. Casaram-se em

68. No golpe militar que derrubou Salvador Allende, Serra foi preso ao tentar deixar o país. No aeroporto, Monica viu o embaixador americano e pediu asilo. Depois de viver nos EUA, quando veio para o Brasil definitivamente, ela comemorou:

— Oba! Vou comer feijão preto todos os dias.

Jorge Bastos Moreno

SÃO PAULO

• O currículo acadêmico que inclui, entre tantos cursos de especialização na área de psicologia, dois mestrados e um doutorado, não impede a ex-primeira bailarina do Balé Nacional do Chile de dizer que se sente às vezes muito mais artista do que intelectual. Por trás dessa discreta dama, que à primeira vista tem a aparência e o formalismo típicos de uma professora universitária, esconde-se uma irreverente e bem-humorada artista, hoje totalmente engajada na campanha do marido, José Serra.

Cabelos presos, óculos de intelectual, um vestido básico e, no lugar dos sapatos, um par de tênis comum.

— Acabei de vir de uma panfletagem no Centro da cidade. E tênis é mais confortável. Não vou andar de salto alto por aí só para parecer que sou madame. A Monica Allende, com cartazes de corpo inteiro nas portas dos grandes teatros, que era conhecida nas ruas, não existe mais. Meu personagem agora é Monica Serra, mulher básica e simples — diz.

A famosa primeira-bailarina do Chile conheceu o exilado José Serra numa festa, à qual compareceu por pressão do amigo Cláudio, que tam-



MONICA SERRA: “A Monica Allende, com cartazes nas portas dos grandes teatros, não existe mais”

bém tinha sido presidente da entidade nacional dos estudantes chilenos.

— Vou te apresentar um amigo brasileiro muito interessante — disse-lhe o amigo.

Monica foi por ir.

— Mas, quando vi Serra, meu coração disparou. Fiquei babando. Ele era tímido. Não me disse, mas confidenciou ao Cláudio: “Conheci a mulher da minha vida”.

Depois de nove meses de namo-

ro, veio o casamento no dia 26 de dezembro de 1968. Também nove meses depois, nasceu Verônica, a primeira de um casal de filhos. No golpe militar que derrubou Salvador Allende, Luciano, o caçula, tinha três meses e meio quando a família Serra, ao tentar deixar o país, foi barrada na sala de embarque pela polícia. Monica reagiu ao ver o marido sendo preso:

— Vocês não podem fazer isso com um funcionário estrangeiro. Vão criar

uma crise diplomática — protestou.

Serra, que já tinha vivido essa experiência no Brasil em 1964, tentou acalmá-la:

— Você não está entendendo. Estamos diante de um golpe militar e, nos golpes, não existem argumentos.

Marido preso, com o filho no colo e a filha agarrada nas mãos, Monica, que já tinha passado para a sala de embarque, viu o embaixador americano e pediu asilo.

Em 78, já morando nos Estados Unidos com Serra e os filhos, Monica veio ao Brasil conhecer os sogros e se apaixonou:

— Eu, que tinha uma família pequena, acabei ganhando uma grande e maravilhosa família.

Quando veio morar definitivamente no Brasil, comemorou:

— Oba! Vou comer feijão preto todos os dias.

No Chile, não tem feijão preto. Até hoje, feijão com arroz é seu prato preferido. Mas estranhou certas coisas:

— No Chile, come-se abacate com sal. Quando me deram aqui abacate com açúcar, tive vontade de cuspir.

O Brasil, para ela, era um mundo diferente, multirracial. Encantou-se com o ritmo e o jeito dos brasileiros:

— O chileno é muito formal. Dizem que somos o povo inglês da América Latina. ■

“A Monica Allende, com cartazes nas portas dos teatros, não existe mais”

“Quando vi Serra, meu coração disparou. Fiquei babando. Ele era tímido”

“Oba! Vou comer feijão preto todos os dias”

“O chileno é muito formal. Dizem que somos o povo inglês da América Latina”

“Não me incomodarei de ser chamada de primeira-dama”